

**FACULDADE DE ENFERMAGEM NOVA ESPERANÇA DE MOSSORÓ
CURSO DE BACHAREL EM PSICOLOGIA**

**GABRIELLA SABRINA PEREIRA NUNES
MARÍLIA GABRIELA DE SOUZA MEDEIROS**

**OS EFEITOS PSICOSSOCIAIS DA AUSÊNCIA PATERNA EM
ADOLESCENTES: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

**MOSSORÓ
2024**

GABRIELLA SABRINA PEREIRA NUNES
MARÍLIA GABRIELA DE SOUZA MEDEIROS

**OS EFEITOS PSICOSSOCIAIS DA AUSÊNCIA PATERNA EM ADOLESCENTES:
UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Artigo Científico apresentado à Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró (FACENE/RN), como requisito obrigatório, para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Profa. Ma. Alana de Oliveira Lima

MOSSORÓ
2024

Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró/RN – FACENE/RN.
Catalogação da Publicação na Fonte. FACENE/RN – Biblioteca Sant'Ana.

N972e Nunes, Gabriella Sabrina Pereira.

Os efeitos psicossociais da ausência paterna em
adolescentes: uma revisão de literatura / Gabriella Sabrina
Pereira Nunes; Marília Gabriela de Souza Medeiros. –
Mossoró, 2024.
26 f.

Orientadora: Profa. Ma. Alana de Oliveira Lima.
Artigo científico (Graduação em Psicologia) –
Faculdade de
Enfermagem Nova Esperança de Mossoró.

1. Adolescência. 2. Ausência paterna. 3. Relações
familiares. I. Medeiros, Marília Gabriela de Souza. II. Lima,
Alana de Oliveira. III. Título.

CDU 159.9

GABRIELLA SABRINA PEREIRA NUNES
MARÍLIA GABRIELA DE SOUZA MEDEIROS

**OS EFEITOS PSICOSSOCIAIS DA AUSÊNCIA PATERNA EM ADOLESCENTES:
UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Artigo Científico apresentado à Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró (FACENE/RN), como requisito obrigatório, para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Alana de Oliveira Lima – Orientador(a)
Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró

Profa. Esp. Érika Pedrosa Rocha Fernandes – Avaliador(a)
Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró

Prof. Esp. Tercio Teles Batista Felinto – Avaliador(a)
Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró

OS EFEITOS PSICOSSOCIAIS DA AUSÊNCIA PATERNA EM ADOLESCENTES: UMA REVISÃO DE LITERATURA

**GABRIELLA SABRINA PEREIRA NUNES
MARÍLIA GABRIELA DE SOUZA MEDEIROS**

RESUMO

A ausência do pai durante o desenvolvimento dos adolescentes é um problema bastante complexo, pois tende a causar desequilíbrios na formação da personalidade, afetando o desenvolvimento psicossocial desses jovens. Nesse sentido, este trabalho teve como objetivo investigar os efeitos psicossociais da ausência paterna em adolescentes durante essa fase do desenvolvimento. Para tal, realizamos uma revisão integrativa de literatura, utilizando métodos qualitativos de pesquisa e selecionamos 5 (cinco) artigos que focam nos efeitos psicossociais da ausência paterna para o desenvolvimento dos adolescentes. A pertinência do tema vem para a compreensão dos problemas enfrentados por esses jovens que não possuem relacionamento saudável com o pai durante o seu desenvolvimento. Por fim, este estudo busca contribuir para uma maior conscientização à respeito do tema e incentivar a construção de políticas públicas com estratégias de intervenção, visando minimizar os efeitos negativos causados por essa ausência.

PALAVRAS-CHAVE: adolescência; ausência paterna; relações familiares.

ABSTRACT

The absence of a father during adolescent development is a highly complex issue, as it tends to cause imbalances in personality formation, affecting the psychosocial development of these young individuals. In this regard, the aim of this study was to investigate the psychosocial effects of paternal absence on adolescents during this developmental phase. To this end, we carried out an integrative literature review, using qualitative research methods and selected five articles that focus on the psychosocial effects of paternal absence on adolescent development. The relevance of this topic lies in understanding the problems faced by these young people who do not have a healthy relationship with their father during their development. Finally, this study seeks to contribute to greater awareness of the topic and to encourage the development of public policies with intervention strategies aimed at minimizing the negative effects caused by this absence.

KEYWORDS: adolescence; paternal absence; family relations.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a idade cronológica da adolescência ocorre entre os dez (10) e dezenove (19) anos (OMS citado por Lima; Carvalho)¹. Já no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)² estabelece a faixa etária dos doze (12) anos completos aos dezoito (18) anos incompletos. Almeida³ (2007) caracteriza essa fase por diversas mudanças nos âmbitos mental, físico e social, destacando que a ausência paterna é uma das crises mais significativas desse período. Para fins deste trabalho, adotar-se-á a definição do ECA.

Conforme o Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM)⁴ 2019, baseado no último Censo Escolar, realizado pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), divulgado em 2013, estima-se que aproximadamente 5,5 milhões de crianças no Brasil não tenham o nome do pai registrado em suas certidões de nascimento.

Campos⁵ (2020) afirma que devido tantas crianças abandonadas afetivamente no Brasil, os problemas sociais passaram a ser mais frequentes. Além disso, a falta de compromisso dos pais com os seus filhos independente se esse filho foi planejado ou não, idealizado ou não, tornou-se uma realidade sintomática de nosso tempo.

Eizirik e Bergmann⁶ (2004) afirmam que a ausência paterna ocorre por diferentes motivos: 1) a separação dos pais; 2) a morte do genitor; 3) a falta de afeto. Para o adolescente, essa ausência paterna pode ser encarada de diversas formas, pois o processo de “tornar-se pai” até a “função paterna”, envolve mais do que prover financeiramente. É fundamental considerar o vínculo afetivo estabelecido entre pai e filho.

Ainda segundo Eizirik e Bergmann⁶ (2004) a falta da figura paterna, leva o adolescente a lutar contra sentimentos conflitantes de amor e abandono, produzindo angústia. Nesse contexto, o adolescente criado sem a presença do pai tende a manifestar comportamentos agressivos e insegurança, uma vez que, em muitas culturas, o pai desempenha papel de provedor para a vida desse jovem.⁶

Ademais, conforme Silva e Reis⁷ (2021), a ausência paterna pode ocorrer mesmo com a presença física do pai, caracterizando-se pela ausência afetiva e resultando em uma paternidade presente-ausente, produzindo efeitos significativos na vida dos filhos.

Nesse sentido, o tema abordado foi motivado a partir da nossa vivência durante o estágio supervisionado escolar no município de Mossoró-RN. Durante esse período, observamos várias mães solo que assumem exclusivamente os cuidados dos filhos, em

reuniões e eventos comemorativos onde apenas elas estavam presentes.

Além disso, durante as brincadeiras das crianças, ouvimos relatos das mães sobre o alto índice de violência no contexto que viviam. Então, essas observações e intervenções despertaram nosso interesse em investigar mais a fundo os impactos da ausência paterna no desenvolvimento de adolescentes. Portanto, o problema de pesquisa se configurou com o seguinte questionamento: de que maneira a ausência paterna produz efeitos psicossociais em adolescentes?

Deste modo, o objetivo dessa pesquisa é investigar os efeitos psicossociais da ausência paterna em adolescentes por meio de uma revisão integrativa de literatura.

Para concluir, o presente artigo segue organizado da seguinte maneira: na primeira parte apresentamos uma discussão teórica sobre o período da adolescência e suas crises, bem como os efeitos da criação por mães solo e do abandono afetivo nessa fase. Na segunda parte, compilamos os artigos revisados e, a partir dessa revisão, criamos categorias que compõem a terceira parte do artigo: 1) os efeitos da ausência paterna temporária e definitiva em adolescentes; 2) a relação da ausência paterna e a inserção na criminalidade e; 3) o abandono afetivo e seus efeitos. Por último, apresentamos proposições para a criação de políticas públicas que possam oferecer suporte aos responsáveis e aos adolescentes vítimas do abandono paterno.

REVISÃO DE LITERATURA

Contextualização da adolescência

A adolescência é definida como um período do desenvolvimento humano e de transição entre a infância e a vida adulta, pois é uma fase marcada por intensas transformações físicas e psicossociais, como também pelo interesse do ser humano em conseguir alcançar seus objetivos, correlacionados com suas concepções da cultura e do meio social que está inserido.⁸

Levisky⁸ (1995) descreve a adolescência como uma etapa do desenvolvimento evolutivo, em que crianças gradualmente transitam para a vida adulta, conforme as condições ambientais e a história pessoal, ou seja, a natureza psicossocial da adolescência seria definida pelo modo como a sociedade a representa.

Assim, as transformações que marcam a adolescência, desde a percepção do fim da infância, quando há uma dependência maior dos pais, com papéis bem definidos, até projeção social sobre si mesmo, são vistas como oportunidades para a mudança e a expectativa de um

futuro melhor que dependerão das escolhas que farão por si mesmos.⁸

A fase da adolescência é marcada por três (3) critérios distintos: 1) Inicialmente, acontecem as mudanças corporais da puberdade, impulsionadas principalmente, por alterações hormonais características desse período; 2) O final da adolescência é marcado por uma transição emocional, coincidindo com a estabilização das mudanças físicas, permitindo ao jovem experimentar maior autonomia nas tomadas de decisões; 3) A inserção profissional, social e econômica na sociedade, marcando assim o ingresso na fase adulta.⁹

Para tal, devido às diversas alterações que ocorrem nessa etapa da vida do jovem, nem sempre a idade cronológica é o método mais eficiente para descrever essa fase. Além disso, nas culturas não capitalistas existem diferentes concepções acerca da adolescência.¹⁰

De acordo com Santos⁹ (2005), a adolescência trata-se de um estágio da vida no qual o indivíduo passa por transições que acarretam grandes mudanças na sua vida, pois vão além das mudanças físicas, abrangendo também o desenvolvimento psicossocial. Assim, é nessa fase que o sujeito se depara com uma série de escolhas que consequentemente definirão o seu futuro.

Conforme Sprinthall e Collins¹¹ (2003), Stanley Hall, considerado o “pai” da psicologia da adolescência, considerou essa fase da vida como uma nova etapa caracterizada por conflitos intensos. Além do mais, Hall aponta que durante essa fase, o indivíduo revive aspectos da infância, porém em nível mais complexo e que as preocupações estão intimamente ligadas à emergência da sexualidade.

As crises na adolescência

Para Matteson¹² (1972) o período da adolescência é marcado por diversas crises, sendo uma das mais significativas, a crise de identidade, onde os jovens passam por uma profunda mudança, marcada pela conscientização de seu lugar no mundo e pela entrada em uma nova realidade, o que muitas vezes resulta em confusão de valores e na perda de referências sólidas.

O encontro de indivíduos com diferentes perspectivas e experiências de vida é o que caracteriza a formação de grupos de adolescentes. Esses grupos permitem a criação de espaços de livre expressão e desempenham um papel fundamental na reestruturação da identidade pessoal, mesmo que, em muitos casos, essa identidade ainda esteja em transformação contínua e com forte influência pelo meio em que estão inseridos.¹²

Segundo Papalia e Feldman¹³, para Erikson (1968) a identidade é formada quando o adolescente consegue resolver três (3) questões importantes, sendo elas: 1) Os valores e

princípios adquiridos decorrentes das suas experiências de vida, 2) O desenvolvimento da identidade sexual satisfatória e 3) A escolha da ocupação profissional.

Conforme Calligaris¹⁴ (2000), os elementos culturais contribuem para a compreensão da adolescência que só existe porque a sociedade não aceita que os jovens seja responsáveis por seus atos, sendo que essa fase da vida é um fenômeno contemporâneo no qual é estabelecida uma espécie de “moratória” para prorrogar essa etapa da vida.

Ainda segundo o autor, mesmo que os adolescentes estejam prontos para o sexo, o amor e o trabalho, ainda não respondem pelos seus atos e são mantidos sob a tutela dos adultos. Com efeito, esses indivíduos frequentemente têm um papel indefinido e lutam para entender as expectativas postas sobre eles.¹⁴

Além disso, o ambiente no qual o adolescente se desenvolve, desempenha um papel preponderante em seu desenvolvimento, moldando a sua jornada de crescimento e as experiências que ele vivencia em sua família, comunidade, escola e círculos sociais. Esse ambiente em um impacto direto na formação de sua identidade adulta, influenciando sua capacidade de se relacionar, tomar decisões, trabalhar e escolher um parceiro (a).¹⁵

Conforme Osório¹⁵ (1991), a família desempenha um papel central, sendo o cenário onde se desdobram experiências de afeto, dor, medo, prazer e uma variedade de emoções que contribuem para a formação da identidade desse adolescente e posteriormente, adulto.

No entanto, compreender todas as demandas da adolescência em um ambiente familiar em constante mudança, frequentemente intensifica as crises pertinentes a essa fase da vida e ao ciclo de evolução familiar. Erikson¹⁶ (1968) argumenta que nessa fase, os adolescentes enfrentam uma crise de identidade e é nesse período que exploram diferentes aspectos da sua sexualidade, como orientação sexual, papéis de gêneros e preferências sexuais.

A resolução satisfatória dessa crise leva a formação de uma identidade sexual estável e segura, enquanto a resolução insatisfatória pode resultar em confusão de identidade e dificuldades ao longo da vida. Para ele, é importante um ambiente de apoio onde os jovens possam explorar suas experiências sexuais de maneira saudável e receber orientação adequada dos adultos e da sociedade.¹⁶

No que diz respeito à carreira profissional, Bohoslavsky¹⁷ (2007) aponta que para o adolescente, escolher uma carreira se assemelha a um ensaio, pois requer uma reflexão prévia sobre o comportamento que deseja adotar no futuro. Posto isto, a projeção do futuro de um adolescente não diz apenas de uma escolha impessoal, mas sim de uma imagem de si próprio com suas peculiaridades e com suas características específicas, exercendo uma determinada profissão. Portanto, a decisão sobre a carreira é influenciada pelas relações interpessoais, com

ênfase nos pais, que servem como modelo de referência e comparação.

Já para Andrade¹⁸ (1997), uma vez que o ambiente familiar desempenha um papel essencial na formação da identidade profissional, a família, ao repassar conceitos, mitos e valores, tem um potencial de influenciar tanto positivamente, apoiando a decisão ocupacional dos filhos, quanto negativamente, impedindo sua escolha profissional.

Mães solo

Segundo Borges¹⁹ (2020), as mulheres que são mães, mas não tem uma relação conjugal, consiste em uma numerosa realidade no Brasil. A sociedade patriarcal costumava se referir a essas mulheres como mães solteiras, porém, esse conceito vem sendo atualizado e reescrito. Durante muito tempo, o termo utilizado para as mulheres com filhos (as) que não estavam inseridas em um relacionamento conjugal era “mãe solteira”, posto que para a sociedade a conjugalidade era um fator essencial para que as mulheres pudessem se tornar mães.

O termo “mães solteiras” como eram conhecidas as mães solas, carrega o forte resquício da sociedade machista e patriarcal do século XX em que a mulher, sobretudo, a mulher casada, possuía seus direitos civis, sexuais e reprodutivos reduzidos e em sua maioria submetidos à vontade do marido.¹⁹

Com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística²⁰ (IBGE) em 2017, existem mais de 11 milhões de mulheres no Brasil que são as únicas responsáveis por cuidar dos filhos. Lamentavelmente, 63% dessas mulheres chefiam lares que estão abaixo da linha da pobreza. Além disso, de acordo com os registros civis, observou-se que em 2022, o número de mães solo foi o maior dos últimos cinco (5) anos.

Conforme Abreu²¹ (2022), a maternidade solo é uma realidade desafiadora, pois muitas mulheres enfrentam essa condição por diferentes motivos: gravidez inesperada, decisão pessoal de ter um filho com uso de doadores ou término de relacionamentos com a decisão de criar os filhos sozinhas.

No que tange a dimensão do trabalho, de acordo com os resultados da pesquisa realizada pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios²² (IBGE) em 2018, constatou-se a sobrecarga das mulheres no trabalho, pois as mulheres que possuem emprego fora de casa dedicam aproximadamente 18,1 horas por semana realizando tarefas domésticas e cuidando dos filhos, enquanto os homens dedicam apenas 12 horas por semana às mesmas atividades. Esse cenário reflete a sobrecarga enfrentada pelas mulheres em conciliar o trabalho

remunerado com as responsabilidades domésticas. É como cita Lizaukas²³(2019): “trabalhar como se não tivesse filhos, ser mãe como se não trabalhasse fora”.

De acordo com Saffioti²⁴ (1977):

Não é difícil observar que homens e mulheres não ocupam posições iguais na sociedade brasileira. A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhem os territórios em que podem atuar os homens. Nesse sentido, a criação dos filhos, por exemplo, constitui tarefa tradicionalmente atribuída às mulheres. Mesmo quando a mulher desempenha uma função remunerada fora do lar, continua a ser responsabilizada pela tarefa de preparar as gerações mais jovens para a vida adulta (p.8).

Cavallini²⁵ (2019) aponta que apesar da proibição de discriminação salarial com base em gênero, raça, idade ou estado civil, as pesquisas mostram que as mulheres ganham menos que os homens em todas as áreas profissionais. De fato, a diferença salarial pode chegar a 53%. Além disso, as mulheres equivalem a uma minoria nos cargos de gestão, bem como ainda há discriminação enfrentada por mulheres no mercado de trabalho simplesmente por serem mães.

De acordo com uma pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas²⁶ (FGV) em 2019, observou-se que metade das mulheres ficam desempregadas um ano após o início da licença maternidade, seja por demissão ou porque optaram por deixar o emprego.

Sendo assim, mesmo procurando se inserir novamente no mercado de trabalho, as mulheres com filhos são prejudicadas apenas por serem mães. Isso foi comprovado por um estudo conduzido pelo American Journal of Sociology, que revelou um cenário onde as candidatas são totalmente iguais em todos os aspectos, mas se apenas uma delas for mãe, a probabilidade dessa mãe ser escolhida é reduzida em 37%.²⁷

Abandono paterno

Se por um lado a mãe solo tem sido historicamente alvo de preconceito por não estar em um relacionamento conjugal considerado padrão pela sociedade, por outro lado, o abandono por parte do pai parece ser uma questão aceita com naturalidade. Essa realidade é confirmada pelo relatório do Projeto Pai Presente, baseado no Censo Escolar de 2011 realizado pelo Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Anísio Teixeira²⁸ (INEP), que revelou que mais de 5 milhões de crianças não possuem o nome do pai em seu registro de nascimento.

De acordo com Silva²⁹ (2023), o papel do pai é fundamental para o desenvolvimento

psicológico dos filhos e caso esteja ausente na vida diária, haverá lacunas que produzirão efeitos psicossociais a longo prazo.

Trapp e Andrade³⁰ (2017) mencionam que as crianças criadas sem a presença paterna têm maior probabilidade de se envolverem na criminalidade, gravidez na adolescência, depressão e uso de drogas. É importante destacar que cada indivíduo possui uma forma única de se relacionar, moldada de acordo com as experiências com as figuras materna e paterna durante a infância. Assim, acabam buscando parceiros que se assemelham a essas experiências passadas, repetindo comportamentos. Portanto, quando há relações conturbadas com as figuras parentais, isso pode afetar negativamente a vida amorosa dessas crianças quando adultas.³¹

Ademais, não é apenas a falta física que é dolorosa para os filhos, mas sim a sensação de abandono por parte dessa figura paterna, podendo causar sentimentos de desvalorização, insegurança e baixa autoestima. Os sentimentos de rejeição surgem quando alguém que deveria proporcionar amor e cuidado decide se afastar, seja de forma física ou afetivamente.³²

Os traumas do abandono paterno não são causados apenas de forma real, ou seja, o abandono será compreendido de forma singular por cada um que vivencia essa ausência paterna, quer seja ele um abandono real, que ocorre quando o pai nunca esteve presente fisicamente na vida do filho ou o simbólico, quando o pai está presente na infância, mas abandonou logo em seguida.³³

Medina e Vieira³³(2022) ressaltam que o abandono afetivo é caracterizado pela falta de cuidado, atenção e afeto na relação com o filho. Essa negligência pode levar à responsabilização civil dos pais e a criança tem o direito de buscar ressarcimento e reparação pelos danos causados.

A obrigação parental não é somente prover materialmente, pois existem vários aspectos na criação dos filhos (presença, apoio, carinho, entre outros) que não são medidas em termos monetários. Contudo, nenhuma consequência é imposta a quem descumpre os deveres inerentes ao poder familiar.

Quando o casal é separado, o pai, na maioria dos casos, nem ao menos divide os deveres de criação e educação do filho, pois raramente reconhece sua responsabilidade de acompanhar o seu desenvolvimento. O dano emocional decorrente dessa omissão não pode ser considerado indenizável, mas o judiciário solicita que timidamente, seja indenizado.³⁴

Resstel³⁵ (2015) cita uma conexão entre o desamparo e o medo da perda do amor da figura protetora. Quando não há esse apoio parental na infância, o cérebro entende como um vazio. Desta forma, acaba tornando necessário acompanhamento psicoterapêutico nesses

adolescentes que sofrem com o abandono afetivo para que os mesmos se fortaleçam e possam desenvolver o amor-próprio e a autoconfiança.³⁶

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa é caracterizada como uma revisão integrativa da literatura, seguindo as descrições de um estudo exploratório que segundo Cardoso *et al* (2010), é um tipo de revisão da literatura necessária não apenas para definir claramente o problema, mas também para ter uma ideia precisa do estado atual do conhecimento e das lacunas de suas contribuições, além do desenvolvimento sobre determinado tema a ser pesquisado.

Foi conduzida por meio de uma busca nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) por meio do Google Acadêmico, utilizando os descritores: adolescência, ausência paterna e relações familiares, com seus respectivos termos em inglês adolescence, paternal absence and family relations.

Os operadores booleanos “AND”, “OR” e “NOT” foram utilizados quando necessário para conduzir a pesquisa. O termo ausência paterna foi empregado de forma isolada e posteriormente combinado com os demais descritores. Com isso, foi possível obter maior garantia a respeito da abrangência da pesquisa.

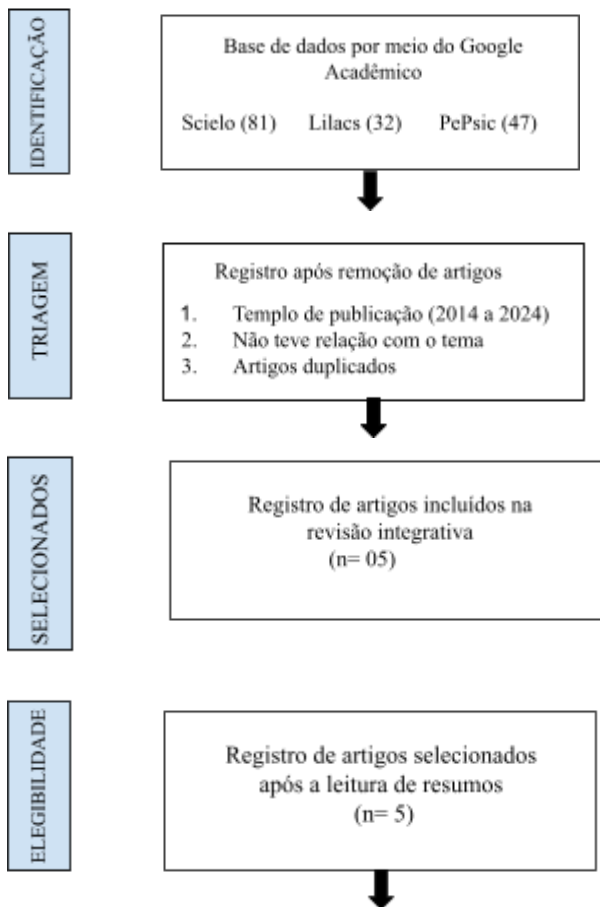
Os critérios de inclusão utilizados foram artigos científicos que abordaram a temática: os efeitos psicossociais da ausência paterna em adolescentes, considerando apenas aqueles publicados nos últimos dez (10) anos (2014-2024) e escritos no idioma português e inglês. Excluindo os conteúdos não científicos presentes em sites e blogs, além de pesquisas não relacionadas à psicologia e resumos, cartilhas, artigos duplicados nas bases de dados, estudos transversais, relatos de caso, monografias, teses e revisões de literatura.

A coleta de dados seguiu a seguinte premissa: 1) Leitura exploratória de todo o material selecionado; 2) Leitura seletiva; 3) Registro das informações extraídas das fontes em instrumento específico. Após essa fase inicial, realizou-se uma análise preliminar dos materiais pré-selecionados para avaliar sua relevância para o estudo. Em seguida, as informações obtidas a partir das leituras foram registradas, incluindo objetivo, método científico, tipo de pesquisa, resultados e conclusões. A tabulação dos dados foi feita utilizando a planilha eletrônica do Excel, enquanto a tabela foi elaborada utilizando o Microsoft Word para coleta e análise dos dados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No levantamento de dados após a aplicação dos filtros de busca, foram encontrados 160 artigos e em seguida a aplicação dos critérios de inclusão. Cinco (5) artigos foram selecionados para a pesquisa (**figura 1**).

Figura 1 - Fluxograma da busca de artigos e critérios de seleção



Fonte: elaborado pelas autoras

Os resultados da análise dos artigos foram estruturados e apresentados de forma descritiva para que seja possível sistematizar os dados obtidos dos autores, ano de publicação, título do artigo, objetivos e resultados encontrados. Tais dados foram incluídos na tabela.

Quadro: características dos artigos incluídos na revisão integrativa.

Nº	BASE	TÍTULO	AUTOR	ANO	OBJETIVOS	RESULTADOS
01	LILACS	“Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de caso”.	Erizick M, Bergmann DS.	2004	Discutir a influência da ausência paterna no desenvolvimento da criança e do adolescente.	Fica evidente que a ausência paterna gera conflitos no desenvolvimento psicológico, cognitivo e distúrbios no comportamento da criança e do adolescente.
02	LILACS	“Violência e fragilidades nas relações familiares: refletindo sobre a situação de adolescentes em conflito com a lei”.	Zappe JG, Dias ACG.	2012	Compreender como a dinâmica familiar de jovens em situação de conflito com a lei interfere no processo psíquico e podem estar associados à prática de atos infracionais.	O estudo mostra que há incidência de violência ao longo da vida dos adolescentes que vivem conflito com a lei e que a família tem papel fundamental, podendo ser um fator de risco ou de proteção para esses adolescentes.
03	Scielo	“Grupo operativo com adolescentes que vivenciam a ausência paterna temporária: relato de experiência”.	Breitenbach IMS, Lewandowski DS.	2015	Refletir, discutir e conhecer as vivências, sentimentos e percepções das participantes que vivenciam a ausência paterna temporária.	Foi demonstrada uma revolta pelas tentativas frustradas das participantes de envolver o pai na relação familiar. Os sentimentos elencados por elas devido a ausência paterna, foram: solidão e insegurança, pelo medo da perda do amor do pai.
04	Scielo	“Indenização por abandono afetivo: a judicialização do afeto”.	Braga JCO, Fuks BB.	2013	Retratar a resposta do Estado às demandas de indenização dos danos morais causados por abandono afetivo, considerado como a ausência de convivência afetiva do pai.	Fica claro que o abandono afetivo contraria o princípio da dignidade, afetividade e responsabilidade parental. Nesse contexto, as ações indenizatórias ao visarem compensar a ausência e a falta de afeto, acabam enfraquecendo o desenvolvimento que poderiam resultar.
05	Scielo	“Abandono afetivo: afeto e paternidade em instâncias jurídicas”.	Moreira LS, Toneli MJF	2015	Discutir a articulação entre paternidade e criminalidade..	Resulta que o afeto está ligado ao cuidado e convívio, então, mesmo que a paternidade seja comprovado, não é uma garantia de afetividade.

Fonte: elaborada pelas autoras

Os efeitos da ausência paterna temporária e definitiva em adolescentes

O estudo realizado por Eizirik M e Bergmann DS (ver tabela 1) , intitulado como “Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente”, teve como objetivo discutir a influência da ausência paterna no desenvolvimento emocional, cognitivo e comportamental em crianças e adolescentes, por intermédio de um caso clínico de paciente em processo psicoterápico.

João, um adolescente de dezesseis (16) anos, foi encaminhado ao processo psicoterápico em consequência de dificuldades escolares, que resultaram em várias reprovações e aos desafios emocionais e familiares que enfrentou. A relação conflituosa com a mãe, a ausência paterna, o histórico de perdas e a responsabilidade com a avó materna decorrente da sua doença contribuíram para o seu desconforto dentro do seu ambiente familiar e para o seu desgaste emocional.

O estudo evidenciou que a ausência paterna exerceu uma significativa influência no caso de João, manifestando-se através de sua resistência inicial em discutir o assunto. Criado sem a presença do pai, ele investiu emocionalmente no tio, que se tornou uma figura substituta paterna, intensificando o vazio deixado após a perda. Ao perceber o impacto da ausência paterna em seu comportamento, o adolescente revelou uma busca inconsciente por reconhecimento materno. Sendo assim, a construção de um vínculo terapêutico permitiu a João expressar os profundos efeitos da ausência paterna em sua vida.

Portanto, a ausência paterna definitiva tem um efeito intenso no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente, repercutindo em inúmeros aspectos da vida a longo prazo, sendo um deles, o silêncio em falar sobre o assunto.

O segundo artigo sistematizado na tabela intitulado: “Grupo operativo com adolescentes que vivenciam a ausência paterna temporária: relato de experiência”, por Breitenbach IMC e Levandowski DC, teve como objetivo relatar as atividades desenvolvidas em um grupo operativo realizado com adolescentes do sexo feminino que enfrentavam a ausência paterna temporária devido a compromissos profissionais.

Este grupo operativo proporcionou um espaço para discutir, refletir e compreender as vivências, percepções e sentimentos das participantes diante das especificidades desse contexto familiar.

O grupo foi composto por dez (10) adolescentes do sexo feminino, com idades entre quatorze (14) e dezesseis (16) anos, de nível socioeconômico médio que cursavam a 8ª série do ensino fundamental em uma escola pública, no turno matutino, localizada em uma

cidade do interior do Estado do Rio Grande do Sul.

A característica comum entre elas era vivenciar a ausência paterna temporária decorrente da profissão do pai. Durante os encontros do grupo operativo, observou-se que as adolescentes relataram comportamentos considerados “inadequados” com base nas ações similares de seus pais, como por exemplo: sair de casa sem avisar.

Após uma adolescente compartilhar insatisfação com a dinâmica familiar, as demais participantes do grupo também compartilharam das suas experiências, destacando o incômodo decorrente dessa problemática.

Elas mencionaram a falta de envolvimento em atividades escolares por parte dos pais, a ausência de demonstração de afeto e cuidado, além de atitudes questionadoras dos pais diante das tentativas de impor limites por parte das mães.

As participantes ainda relatam que perceberam nas atitudes dos pais na volta paracasa, tentativas de compensação pela ausência. Estas atitudes se deram por meio de permissividade e o fornecimento de compensações financeiras. No entanto, tais gestos não supriam a necessidade emocional de se sentirem amadas e reconhecidas.

Diante dos encontros e dinâmicas realizadas no grupo, evidenciou-se que todas as participantes apresentavam algum nível de sofrimento psíquico demonstrado por sentimentos de vitimização. Lamentavelmente, esse sentimento parecia se intensificar com a idade, sugerindo que o desenvolvimento de recursos cognitivos e emocionais poderiam levá-las a uma maior consciência, despertando um sofrimento ainda mais intenso, tornando perceptível a complexidade das relações familiares diante da ausência paterna temporária.

A relação da ausência paterna e a inserção na criminalidade

Segundo o artigo dois (2), intitulado: “Violência e fragilidades nas relações familiares: refletindo sobre a situação de adolescentes em conflito com a lei” por Zappe JG e Dias ACG, a família desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de adolescentes, incluindo aqueles que cometem atos infracionais.

Portanto, o contexto familiar em que o adolescente está inserido exerce uma forte influência no processo de socialização primária, pois é nele que crianças e adolescentes aprendem normas, valores e comportamentos adequados à sociedade. Quando há disfunções na estrutura familiar, como a falta de apoio emocional, ausência de limites claros ou exposição de comportamentos inadequados, o desenvolvimento saudável dos adolescentes pode acontecer de forma comprometida, podendo aumentar as chances de

envolvimento em atos infracionais.

Este estudo, por meio de uma investigação exploratória realizado em instituições responsáveis pela custódia judicial de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, buscou evidenciar os efeitos danosos na vida desses jovens.

Além disso, a análise da situação familiar dos internos revelou que a maioria vivia em lares compostos apenas por mães. Muitos relataram que seus pais são separados e que, mesmo tendo pais vivos, alguns nunca conheceram ou tiveram contato com os mesmos. O distanciamento entre a família e os adolescentes foi perceptível na ausência dessas famílias em visitá-los na instituição.

As autoras evidenciaram que a maioria dos adolescentes provenientes de famílias divididas, enfrentam situações de abandono por diferentes motivos, sendo eles: separação dos pais, abandono afetivo ou morte do genitor. Essas famílias frequentemente sofrem por não ter recursos financeiros, psíquicos e/ou domiciliares.

A falta de apoio emocional e/ou financeira por parte dos pais, aliada à disfunção familiar, podem contribuir significativamente para os desafios enfrentados pelos adolescentes, aumentando a chance de se envolverem em comportamentos problemáticos e necessitarem de intervenções sociais e educativas.

Por fim, esses resultados ressaltam a importância de abordagens integradas que levem em consideração não apenas as necessidades individuais dos jovens, mas também as circunstâncias familiares e socioeconômicas que podem impactar no seu desenvolvimento e conduta. É essencial oferecer suporte adequado às famílias em situação de vulnerabilidade, visando fortalecer os vínculos familiares e criar um ambiente seguro e estável para o crescimento saudável desses jovens.

Abandono afetivo e suas consequências

De acordo com o artigo quatro (4), intitulado: “Indenização por abandono afetivo: a judicialização do afeto”, por Braga JCO e Funks BB, a ausência paterna não se limita a falta da presença física do pai. Essa ausência afetiva por parte da figura paterna traz prejuízos significativos aos filhos, privando-os da convivência e do cuidado afetivo.

O abandono afetivo não está diretamente ligado ao cumprimento das obrigações alimentícias. Mesmo que as obrigações financeiras sejam cumpridas, o abandono afetivo ocorre quando os “deveres de afeto” esperados na paternidade responsável não são cumpridos pelo pai. Esse distanciamento emocional inclui: a convivência amorosa, o

suporte afetivo e o cuidado emocional necessário para um desenvolvimento equilibrado e saudável dos filhos.

Já o estudo realizado por Moreira LS e Toneli MJF, intitulado: “Abandono afetivo: afeto e paternidade em instâncias jurídicas”, apresenta uma perspectiva jurídica.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)¹ assegura os direitos fundamentais às crianças e adolescentes, incluindo o direito à dignidade, o respeito como pessoas humanas em processo de desenvolvimento (art.15) e o direito de serem criados e educados no seio familiar (art.19).

Assim, o direito à convivência familiar, conforme expressa no ECA, refere-se não apenas às necessidades materiais provenientes da família, mas também enfatiza o apoio emocional, afetivo e educacional que são essenciais para o desenvolvimento das crianças e adolescentes.

A omissão do pai em cuidar e proteger o filho, resultando em seu abandono, pode ocasionar danos significativos à saúde mental do filho. Além disso, o sofrimento do filho abandonado pela figura paterna pode afetar a figura materna, especialmente quando esse sofrimento tem consequências importantes na formação da personalidade da criança e adolescente.

Essas questões podem ser acionadas judicialmente em busca de reparação moral, visando à proteção do bem-estar e do desenvolvimento desses jovens. Ainda no artigo quatro (4) aponta que, ao estabelecer critérios predeterminados ao impor compensações financeiras em casos de abandono afetivo, o Poder Judiciário pode negligenciar as motivações emocionais do pai ausente. Muitas vezes, esse pai foi vítima do mesmo tipo de abandono e, conseqüentemente, pode reproduzir com seus próprios filhos os impactos dessa ausência. Sendo assim, em vez de promover uma reconciliação ou reparo emocional, pode gerar uma internalização de sentimentos negativos e ressentimentos na vítima do abandono.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscamos evidenciar os efeitos psicossociais no desenvolvimento dos adolescentes que sofrem com a ausência paterna. Destacamos a importância da figura paterna em diversas áreas da vida do (a) filho (a) e o quanto essa ausência pode ser prejudicial no desenvolvimento do adolescente.

Os resultados obtidos indicam que esses efeitos podem acarretar uma série de prejuízos nas esferas emocional, social, cognitiva e comportamental desses jovens, contribuindo para o surgimento de problemas, tais como: baixa autoestima, insegurança, angústia, dificuldades nos relacionamentos e comportamento de risco: como agressividade, práticas sexuais sem proteção e uso excessivo de álcool e drogas.

Diante do exposto, é importante que profissionais de saúde mental, profissionais da educação e o Estado conheçam os desafios enfrentados por esses adolescentes, além de ser urgente a criação de políticas públicas que ofereçam o suporte necessário aos jovens e aos seus familiares, pois será essencial para ajudá-los a lidar de maneira adequada com os desafios encontrados devido à ausência parental.

Além disso, é importante salientar a criação de políticas públicas com foco na conscientização de pais e cuidadores, enfatizando a importância do papel do genitor no desenvolvimento dos filhos, pois é por meio de um trabalho em conjunto que conseguiremos criar ambientes que promovam uma vivência equilibrada e saudável desses jovens.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para uma maior conscientização sobre os impactos causados pela ausência paterna em adolescentes e que estimule a criação de estratégias de intervenções que promovam bem-estar no desenvolvimento dos jovens em diversos contextos familiares.

REFERÊNCIAS

- 1 Lima E, Carvalho O. Transições como Tema Central da Semana Internacional da Saúde do Adolescente: 2022. [acesso em 9 ago de 2023]. Disponível em: <https://www.iff.fiocruz.br/index.php/pt/?view=article&id=64%3Asemana-internacional-#:~:text=A%20OMS%20considera%20como%20adolesc%C3%Aancia,nomea%C3%A7%C3%A3o%20at%C3%A9%20os%2021%20anos.>
- 2 Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: 2005. [acesso em 17 ago de 2023]. Disponível em: [estatuto_crianca_adolescente.pdf \(faneesp.edu.br\)](#).
- 3 Almeida LVP, Guahyba MEG. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. Portugal: 2008 [acesso em 10 ago de 2023]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/VbGsdYdh6fC xv7WpkX3S9Lr/> Doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000200013>
- 4 Instituto Brasileiro de Direito de Família. Paternidade responsável: mais de 5,5 milhões de crianças brasileiras não têm o nome do pai na certidão de nascimento. IBDFAM, 2024. [acesso em 12 ago de 2023]. Disponível em:

<https://ibdfam.org.br/noticias/7024/Paternidade+respons%C3%A1vel:+mais+de+5,5+milh%C3%B5es+de+crian%C3%A7as+brasileiras+n%C3%A3o+t%C3%AAm+o+nome+do+pai+na+certid%C3%A3o+de+nascimento>

5 Campos A. Dever de cuidado: causas e consequências do abandono afetivo. Goiás:2020.[acesso em 12 ago de 2023]. Disponível em:
<https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/272/1/ARTIGO%20CIENT%c3%8dFICO%20AMANDA%20DUARTE.pdf>

6 Eizirik MN, Bergmann DS. Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de caso. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul.2004;26:330-336.[acesso em 12 ago de 2023] Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rprs/a/VL5NfS6HGGr99Z9td3374FM/?lang=pt>
DOI<https://doi.org/10.1590/S0101-81082004000300010>.

7 Silva YV, Reis L. Os impactos da ausência paterna no desenvolvimento do adolescente.Trabalho de Conclusão de Curso: Universidade de Catalão. Goiás: 2021. [acesso em 15 ago de 2023] Disponível em:<https://repositorio-api.animaeducacao.com.br/server/api/core/bitstreams/08790f70-43b0-480a-8958-cda2c49e2c4d/content>

8 Levisky DL. Adolescência: pelos caminhos da violência: a psicanálise na prática social. 2ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda; 2002. [acesso em 17 ago de 2023]. Disponível em:<https://www.estantevirtual.com.br/livros/david-leo-levisky/adolescencia-pelos-caminhos-da-violencia/2424363425>

9 Santos, LMM. O papel da família e dos pais na escolha profissional. Brasília: 2005. [acesso em 16 ago de 2023]. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/pe/a/qBqcryfLqbvsnf7y6HkXNrv/?lang=pt>. DOI <https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000100008>

10 Soares MJ, Dias ACG. Adolescência através dos séculos. Psicol Teor Pesqui [Internet]. 2010 jun [acesso em 14 ago de 2023]; 26(2):327-34. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>

11 Sprinthall NA, Collins WA. Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista. 5ª edição. Lisboa: Editora Fundação Calouste Gulbenkian; 2003. [acesso em 18 ago de 2023]. Disponível <https://www.wook.pt/livro/psicologia-do-adolescente-w-andrews-collins/76362>.

12 Matteson DR. Exploration and commitment: sex differences and methodological problems in the use of identity status categories. Journal of Youth and Adolescence. 1972. [acesso em 20 ago de 2023]. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=2257514&pid=S1413-8271200600010001100029&lng=pt

13 Papalia DE, Feldman RD. Adolescência. Desenvolvimento Humano. 12ª edição. Porto Alegre: AMGH Editora Ltda;2013, p. 384-420 [acesso em 18 set de 2023]. Disponível em:
<https://www.obbiotec.com.br/wp-content/uploads/2022/04/OBJ-livro-Desenvolvimento-Humano.pdf>

- 14 Calligaris C. A adolescência. São Paulo: Publifolha, 2000. [acesso em 18 set de 2023]
Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5972679/mod_resource/content/1/349536000-A-Adolescencia-Contardo-Calligaris.pdf
- 15 Osório LC. Adolescente Hoje: Porto Alegre: Artes Médicas; 1991. [acesso em 18 set de 2023]. Disponível em: [Adolescente hoje | Porto Alegre; Artes Médicas; 1992. 103 p. | LILACS \(bvsalud.org\)](#)
- 16 Erikson EH. Identidade: Juventude e Crise. Tradução por: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S.A; 1987.
- 17 Bohoslavsky R. Orientação vocacional: a estratégia clínica, 12^a. edição. São Paulo: Martins Fontes; 2007. (Original publicado em 1977).[acesso em 21 ago de 2023]. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/886qz/pdf/zanella-9788599662878-17.pdf>.
- 18 Andrade TD. A família e a estruturação ocupacional do indivíduo. Em Levenfus, RS. Psicodinâmica da escolha profissional. São Paulo: 2011.[acesso em 25 out de 2023]. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pc/a/VbGsdYdh6fCxv7WpkX3S9Lr/?format=pdf&lang=ptDOI>
<https://doi.org/10.1590/S1413-82712011000100009>
- 19 Borges L. Mãe solteira não. Mãe solo! Considerações sobre a maternidade, conjugalidade e sobrecarga feminina. Revista Direito e Sexualidade, n.1. Bahia: 2020. [acesso em 01 out de 2023]. Disponível em:
<https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex/article/view/36872/21118>
- 20 Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: 2017. [acesso em 04 out de 2023]. Disponível em: [liv101459.pdf \(ibge.gov.br\)](#)
- 21 Abreu SRF, Thiesen MD. A vulnerabilidade da mãe solo no Brasil. Santa Catarina: 2022. [acesso em 01 out de 2023]. Disponível em:
<https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/3f167d0f-80ab-4e59-aed6-362da928f2aa>
- 22 Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua PNAD. Rio de Janeiro: 2018. [acesso em 05 set de 2023]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword>
- 23 Lisaukas R. Ser mãe é padecer na internet. Trabalhar como se não tivesse filhos, ser mãe como se não trabalhasse fora. São Paulo: 2015 [acesso em 2023 set 03]. Disponível em:
<https://emails.estadao.com.br/blogs/ser-mae/trabalhar-como-se-nao-tivesse-filhos-ser-mae-com-o-se-nao-trabalhasse-fora/>.
- 24 Saffioti HIB. A contribuição de Heleieth Saffioti para a análise do Brasil: gênero importa para a formação social?. São Paulo: 2020.[acesso em 03 out de 2023]. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/LQ8XVtXSKmRbVR3v8hssrzF/DOI>
<https://doi.org/10.9771/ccrh.v33i0.37969>

- 25 Cavallini M. Mulheres ganham menos que os homens em todos os cargos e áreas, diz pesquisa. São Paulo: 2018. [acesso em 05 set de 2023]. Disponível em: [Mulheres ganham menos que os homens em todos os cargos e áreas, diz pesquisa-CSB.csb.org.br](http://Mulheres%20ganham%20menos%20que%20os%20homens%20em%20todos%20os%20cargos%20e%20%C3%A1reas,%20diz%20pesquisa-CSB.csb.org.br)
- 26 Portal Fundação Getúlio Vargas. Mulheres perdem trabalho após terem filhos. Brasil: 2016. [acesso em 23 set de 2023]. Disponível em: <https://portal.fgv.br/think-tank/mulheres-perdem-trabalho-apos-terem-filhos>
- 27 Goldstein K. The Open Secret of Anti-Mom Bias at Work. The New York Times, Nova Iorque: [acesso em 18 set de 2023]. Disponível em <https://www.nytimes.com/2018/05/16/opinion/workplace-discrimination-mothers.html>
- 28 Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo da educação básica: 2011 – resumo técnico. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira; 2012.. [acesso em 05 out de 2023]. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2011.pdf
- 29 Silva MM, Altoé S. O pai: uma questão sempre atual para a psicanálise. Rio de Janeiro: 2018. [acesso em 20 out de 2023]. Disponível em: [SciELO- Brasil- O pai: uma questão sempre atual para a psicanálise O pai: uma questão sempre atual para a psicanálise DOI https://doi.org/10.1590/S1516-14982018003005](https://doi.org/10.1590/S1516-14982018003005)
- 30 Trapp EHH, Andrade RS. As consequências da ausência paterna na vida emocional dos filhos. Revista Ciência Contemporânea. Volume 2, p.45-53. São Paulo: 2017. [acesso em 05 out de 2023]. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20180301124653.pdf
- 31 Sganzerla IM, Levandowski DC. Ausência paterna e suas repercussões para o adolescente: análise da literatura. Revista Psicologia volume 16. Belo Horizonte: 2010. [acesso em 20 set de 2023]. Disponível em: [4.OK 976- Aus+ncia paterna- editado-vers+úo 02.indd \(bvsalud.org\)](http://4.OK%20976-Aus%C3%Aancia%20paterna-editado-vers%C3%A3o%2002.indd%20(bvsalud.org))
- 32 Campos BAG, Baquião LA. Abandono afetivo paterno: as consequências do pai ausente na infância. São Paulo: 2022.[acesso em 21 set de 2023]. Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/repositorio/wpcontent/uploads/sites/10011/2023/05/ABANDONO-NO-AFETIVO-PATERNOC2%AC_AS-CONSEQU%C3%8ANCIA-DO-PAI-AUSENTE-NA-INF%C3%82NCIA.pdf
- 33 Medina VJS, Vieira DF. Abandono afetivo e os direitos da personalidade: uma releitura em face da necessidade probatória dos danos e o dever de convivência familiar. Belo Horizonte: 2022.[acesso em 23 set 2023]. Disponível em: <https://rbdcivil.emnuvens.com.br/rbdc/article/download/724/554>
- 34 Benetti RBG, Inada JF. Os impactos do abandono paterno infantil no âmbito amoroso: um estudo psicanalítico. Paraná: 2018. [acesso em 19 set de 2023]. Disponível em: <http://rdu.unicesumar.edu.br/handle/123456789/2117>

- 35 Resstel CCFP. Desamparo psíquico. In: Desamparo psíquico nos filhos de dekasseguis no retorno ao Brasil [online]: pp.87-104. Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica. São Paulo: [acesso em 29 out de 2023]. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/xky8j/pdf/resstel-9788579836749-07.pdf>. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788579836749>
- 36 Araújo RFS, Mouchereck MC. Abandono afetivo na infância e os danos psicológicos: umarevisão integrativa da literatura. Maranhão: 2022. [acesso em 29 out de 2023]. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/36934/30997/409418> DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i15.36934>
- 37 Eizirik M, Bergmann DS. Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de experiência. Porto Alegre: 2004. [acesso em 21 fev de 2024]. Disponível em: scielo.br/j/rprs/a/VL5NfS6HGGr99Z9td3374FM/?format=pdf.
- 38 Zappe JG, Dias ACG. Violência e fragilidades nas relações familiares: refletindo sobre a situação de adolescentes em conflito com a lei. Rio Grande do Sul: 2012. [acesso em 22 fev de 2024]. Disponível em: [SciELO- Brasil- Violência e fragilidades nas relações familiares: refletindo sobre a situação de adolescentes em conflito com a lei Violência e fragilidades nas relações familiares: refletindo sobre a situação de adolescentes em conflito com a lei DOI https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300006](https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300006)
- 39 Breitenbach IMS, Lewandowski DS. Grupo operativo com adolescentes que vivenciam a ausência paterna temporária: relato de experiência. Porto Alegre: 2015. [acesso em 21 fev de 21]. Disponível em: [Grupo operativo com adolescentes que vivenciam a ausência paterna temporária: relato de experiência \(bvsalud.org\) DOI: https://doi.org/10.4013/ctc.2015.82.04](https://doi.org/10.4013/ctc.2015.82.04)
- 40 Braga JCO, Fuks BB. Indenização por abandono afetivo: a judicialização do afeto. Rio de Janeiro: 2013. [acesso em 21 fev de 24]. Disponível em: [Indenização por abandono afetivo: a judicialização do afeto \(bvsalud.org\)](https://doi.org/10.1590/1982-3703001442013)
- 41 Moreira LS, Toneli MJF. Abandono afetivo: afeto e paternidade em instâncias jurídicas. Santa Catarina: 2015. [acesso em 25 fev de 2024]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001442013>